

## ESTUDO DE UM SONETO SIMBOLISTA

**ANA LÚCIA ESTEVES DOS SANTOS**

### TARDE ENFERMA

Folhas mortas, outubro, um vago adeus no ar...  
Tarde límpida após um dia pluvioso.  
Vão almas para o exílio, e lenços a acenar  
Neste ocaso outonal, doente e langoroso.

Na tarde toda combalida de chorar  
Solta uma flauta os seus lamentos de veludo,  
Que parecem brotar do íntimo de tudo...  
Dir-se-á o coração do Outono a suspirar.

E no fanar da luz, no toque das trindades  
Treme um rondó de despedidas e saudades.  
O azul duma expressão sonhadora e serena

Olha a paisagem outonal saudosamente,  
E tão magoado, tão nostálgico e dolente  
Que parece também um suspirar de avena...

**ROBERTO DE MESQUITA**

O poema apresenta diversas características simbolistas, mas o que me ressaltou mais de sua leitura foi o seu aspecto de sugerir, de evocar a paisagem outonal e o estado de alma do poeta. O ser humano se acha projetado nas coisas do mundo, nessa atmosfera de langor, de sensações vagamente trazidas à palavra poética, e o poeta, através da imaginação, recria a realidade segundo o plano do emocional, do supra-racional.

A poesia não é descritiva, tampouco narrativa, trata-se de uma linguagem que apenas sugere conteúdos emocionais e sentimentais e, conseqüentemente, explora entre a palavra poética e a paisagem relações múltiplas: característica marcante dessa arte poética é a personificação do

outono, que observamos através das seguintes expressões: "tarde enferma", "folhas mortas", "ocaso outonal, doente e langoroso", "dir-se-á o coração do Outono a suspirar". O Outono tem, pois, alma, sentimentos, coração, é um símbolo que tenta captar todo o conteúdo vago e plurivalente do mundo interior do poeta. Assim, a poesia é ao mesmo tempo afetiva e cognitiva, trazendo em si uma certa maneira de conhecer que não está balizada pela razão, e sim pela intuição, pela sensação.

Para evocar o abandono, a languidez, a nostalgia, o poeta se vale de uma série de associações como "outubro", "um vago adeus no ar", "as almas que vão para o exílio", "os lenços a acenar", porém o paradigma maior onde todas essas associações consubstanciam a essência poética é a música (através da flauta ou da avena) cujo som é de lamento, é de queixume. Os próprios versos estão imbuídos de uma musicalidade em tom menor, onde as reticências demonstram graficamente a ausência de pausa métrica, convertendo-se a estrofe em unidade primária, e não no verso isolado. Essa quebra cria uma sensação de enlevo, de ligação entre os versos, sugerindo a idéia de coisa enfermiza, dolente. O emprego recorrente das sibilantes, das fricativas e oclusivas também contribui para criar essa atmosfera de vaguidão, de sensações profundas de desalento e saudade.

Assim como a música, ocorre também a utilização do valor sugestivo da cor: a própria opção do poeta pela paisagem vespertina, pelo ocaso outonal, pelo fanar da luz, e, portanto da meia-luz, pelas cores veladas, pela chuva, está perfeitamente em consonância com a emoção que busca evocar.

As sensações tácteis também estão presentes ao longo do poema: o adeus, o acenar de lenços, a flauta que ao ser tocada produz lamentos de veludo, o toque das trindades que traduz a repetição sonora, dolente, dos sinos ao cair da tarde.

Observa-se que as imagens não servem para decorar, ornamentar um quadro meramente descritivo, elas significam a revelação da realidade profunda das coisas, num verdadeiro jogo de sinestésias, onde sobressaem a nuance, o flutuante, não o sentimento preciso, mas o vago que brota do íntimo, do coração, do estado de alma do poeta e que ele quer comunicar mediante a linguagem poética. Por isso, essa revelação do mundo interior do poeta e do "azul de sua expressão sonhadora e serena" exige uma linguagem volátil, cromática, musical que consiga transmiti-la.